

**CADERNO  
DE LEITURAS  
N.142 | 2022**

**POEMAS E  
DESEMPREGO**

**XITLÁLITL  
RODRÍGUEZ**

**TRADUÇÃO  
GABRIEL  
BUENO**

## Nota da editora

Este texto foi publicado inicialmente no *Periódico de Poesía*, da Universidade Nacional Autónoma do México (Unam), em 22 de abril de 2019, e posteriormente incluído no livro *Poesía y desempleo* (Guadalajara: Libros Soberanos, 2021). Agradecemos à autora pela autorização para esta publicação. O texto em espanhol está disponível aqui: <https://periodicodepoesia.unam.mx/texto/poemas-y-desempleo/>

Longe de redundar em lugares-comuns e fazer apologia de tópicos com os quais todo mundo está de acordo, o que me interessa é sondar os limites entre desemprego e escrita. Na minha experiência – nos últimos anos tenho amalhado uma extraordinária experiência como desempregada –, o desemprego é algo que sempre se deseja em segredo. Como uma espécie de imanência vital que nos levará pela mão, desde a fome e a privação de tudo no capitalismo tardio até a experiência poética. Na adolescência me parecia extravagante a ideia de viver em uma mansarda suja e escura na moleira de Paris, sem outra luz que não a vela verde acesa, da última gota de absinto, nem brilho algum além da sífilis. Era presa, sem dúvida, da terrosa glória dos poetas do Parnaso. Enfim sozinha sob o sol negro de Nerval.

Minha fantasia, certamente, não incluía a buzina de guerra que se levanta na Avenida Interior, na CDMX [Cidade do México], nem os celestiais acordes metálicos do lixo que regozijam da mesma forma a mim e às larvas que palpitam de branco, todas as terças, no cesto dos resíduos orgânicos.

Minha esperança minguou. Há apenas alguns anos acreditei que poderia me presentear com uma residência de escrita em um centro de reabilitação – um, claro, onde pudesse entrar e sair à vontade, que não fosse católico (a menos que fosse a Oceánica, esse resort cinco estrelas, a maioria desses centros estão longe da secularização) –, em que talvez pudesse escrever *um grande poema* e subsistir alguns meses naquele

em que encontrasse uma estadia mais barata. Além disso, apagaria essa vergonhosa mácula de nunca ter pisado na cadeia – nem nas solitárias, ora –, como vários de meus amigos e familiares, dentre os quais havia um que se entregava à nobre tarefa de avaliar o calor dos centros de detenção que constantemente visitava por dirigir em estado de embriaguez.

Mas não foi assim. Pouco a pouco, no decorrer de dias a princípio luminosos sem ter de ir ao trabalho, e depois, em outros mais entardecidos até entrar em semanas de noite fechada, fui me dando conta de que a palavra chega por suas próprias formas. Uma delas é o silêncio.

Não sei como seria antes, mas a essa altura as demissões, em geral, acontecem sem aviso. E isso que agora as contratações já trazem um vencimento formal. No último lugar em que me empregaram, uma editora de literatura infantil e juvenil que costumava ser mexicana – agora está nas mãos de uma transnacional –, ao assinar o contrato tive de preencher um formulário destinado exclusivamente às mulheres. Nele se incluíam questões como se alguma vez havíamos nos submetido a uma cirurgia estética, quantas vezes havíamos ficado grávidas, quantos abortos, qual método contraceptivo usávamos. Oito meses depois me chutaram de um dia para o outro, certamente sem maiores liquidações contratuais além da de uma pontaria de Raid Mata Insetos; quando já era tarde demais e eu havia comprado o presente do amigo-secreto que aconteceria no escritório durante a celebração de fim de ano.

Embora dezembro não seja o mês mais cruel, é sim o maior pé no saco. Suga dinheiro. Uma vez instalada no universo doméstico, os espaços adquirem novas dimensões, os defeitos da casa parecem respirar ou se inflamar conforme passam os dias, até que crostas do teto ou da parede vão caindo e povoando o piso, que deve ser varrido de imediato para evitar a aterradora sujeira. Porque, se é preciso estar em casa, pelo menos que esteja limpa. Além disso, o desemprego tem uma implicação vagamente masculina. Descuidar da limpeza do espaço não me deixava margem suficiente para me abandonar à leitura. TV, nem pensar.

A simples ideia de permanecer horas e dias em frente ao televisor me deixava em pânico. Por sorte, a dívida do meu cartão de crédito explodiu antes que eu pudesse soldar minhas retinas vendo Netflix. Nos dias de desemprego é preciso se manter ativo, porque, assim como se diz que na prisão também há os sem-teto, dentro do desemprego também há períodos de trabalho e férias.

Fiz exercício (vivo em um quinto andar sem elevador, portanto é inevitável), cozinhei enquanto o moribundo salário quinzenal me permitiu e vendi roupa usada fora de casa: encontrei o retângulo exato para levantar meu varal sem incomodar os vizinhos e onde não pudessem me multar por colocar uma barraca na calçada. Foi nesse retângulo que encontrei a dificuldade para escrever.

A escritora nova-iorquina Vivian Gornick via certo entendimento na forma de um retângulo luminoso que vivia algumas horas e que pouco a pouco ia se reduzindo até se fechar por completo. Ele era sua escrita. Para mim, esse retângulo ao sair da minha casa era a aura potencial de um pedestre que se transformava em comprador ao passar em frente ao meu prédio. Meu estabelecimento comercial irregular logo impôs uma coreografia de submissão à escrita, a qual requer estar sentada o dia todo. A maior parte do tempo escrevi coisas que pouco valiam a pena, que tive de apagar e reescrever uma e outra vez, até chegar a uma mancha de sentido que permanecesse na página. Um tuíte, por exemplo. Primeiro tive de me despedir de minhas aspirações de ler *Em busca do tempo perdido*. Por mais que tenha tentado passar as festas às quais Charles ia, já avançando *À sombra das raparigas em flor*, nunca consegui terminar esse volume – ao menos não nesta que espero ter sido a era dourada de minha vida na miséria.

No entanto, as leituras para o desemprego vão se forjando durante as longas jornadas de trabalho assalariado. Para mim, a leitura de poesia em horas de expediente tem sido um espaço de resistência e, ao mesmo tempo, um bote para me salvaguardar da angústia produzida pelo confinamento.

Agora, ao trabalho que chego, chega comigo o poema que Robert Walser escreveu entre 1897 e 1898, “No escritório”:

A lua nos olha de fora  
e me vê languidescer como um pobre funcionário  
sob o olhar severo  
do meu chefe.  
Coço o pescoço, perturbado.  
Nunca conheci  
o sol luminoso e duradouro da vida.  
A penúria é minha sina;  
ter de coçar o pescoço  
sob o olhar do chefe.

A lua é a ferida da noite,  
e gotas de sangue as estrelas.  
Talvez esteja longe da felicidade plena,  
mas ao menos me fizeram modesto.  
A lua é a ferida da noite.<sup>1</sup>

---

1 A escritora cita a tradução de Rosa Pilar Blanco, a partir da qual elaboramos a tradução para o português e que transcrevemos aqui: “En la oficina”

La luna nos mira desde fuera  
y me ve languidecer como un pobre oficinista  
bajo la mirada severa  
de mi jefe.  
Me rasco el cuello, turbado.  
Nunca he conocido  
el sol luminoso y duradero de la vida.  
La penuria es mi sino;  
tener que rascarme el cuello  
bajo la mirada del jefe.

La luna es la herida de la noche,  
y gotas de sangre las estrellas.  
Acaso esté lejos de la felicidad plena,

Esse poema representa o funcionário do escritório, o empregado, como um girassol lunar cuja intumescência vira em busca da luz esbranquiçada das lâmpadas, enquanto a figura abominável do poder lhe faz sombra. Não me parece existir uma representação mais idônea das horas de angústia e desassossego que a dos cantos abismados das salas de redação de jornais e editoras, os lugares que conheço.

Minha mãe diz que a noite agrava os doentes. Penso que, do mesmo modo, o poder da noite se aninha no solitário corpo invisível, para o qual o comichão no pescoço se torna o único sinal vital e, ao mesmo tempo, um escape sob o verdugo que dá e exerce a ordem da permanência: o chefe. Esse corpo abraça a ferida da noite como signo de humildade e, sarcasticamente, de liberdade. “Talvez esteja longe da felicidade plena”, afirma Walser. Talvez essa hora inabarcável do dia nos liberte um pouco da existência grandiloquente, que pode se tornar muito pesada nas horas de maior trânsito.

O aspecto terrível desse hábito de leitura, intercalado às horas de escritório, é que em seguida a gente passa para outros textos e então, no caso de Robert Walser, acontece de ser muito frequente encontrar personagens entorpecidos pelo trabalho que decidem ir dar um passeio no meio do expediente – o que, é claro, termina por ser tentador. Já perdi alguns empregos por essas voltas matinais pelo quarteirão, na falta de um campo.

Por outro lado, penso que todas as decisões sobre meu desempenho profissional têm me levado ao que sempre quis: ganhar meu lugar na mesa das crianças. Tenho uma trajetória considerável corrigindo provas, colorindo erros, desenhando faltas. Sempre há alguém olhando sobre meu ombro; agora começo a ter chefes a quem levo uma boa década na dianteira. Por mais que tenha tentado infundir a seita Walser, não surtiu efeito.

---

pero a cambio me han hecho modesto.  
La luna es la herida de la noche. [N.T.]

No poema “¿Qué es lo vivido?” [O que é o vivido?], Dolores Castro abre frestas ao confinamento da pergunta. Trabalhar é viver?, me questiono enquanto percorro este poema – que vai abrindo caminho ante o estupor dessa linha de produção que são os dias úteis. O que perdura sob tudo isso?

V

É de tarde, a sombra se estende:  
os altos edifícios, jaulas de ouro,  
se elevam no caminho: o ônibus  
contorna um chiado de freios e o obstáculo  
Mal vejo. Vamos de pé, e cada um a sós  
nesta multidão.  
O motorista faz malabarismos,  
cobra a passagem, pede: Vão para o fundo!  
O fundo de quê?  
de suas dez horas de trabalho,  
enquanto sobem e descem as formigas.  
Lá, nas jaulas de ouro, os burocratas  
do turno vespertino  
seguem atrás da fumaça de seus cigarros  
fora das janelas.  
Passou a hora do café, e da última piada  
de mau gosto.  
Os pálidos do ócio  
também olham  
cair a tarde, enquanto todos  
nos perguntamos: por que e para quê?<sup>2</sup>

---

2 No original “¿Qué es lo vivido?”, de Dolores Castro:

O indivíduo, última contenção da cidade, avança como bólido, se afiança da embocadura do registro oral, da língua viva, a língua do dia a dia. A língua permanece apesar da massa, da veloz contingência dos metais estridentes e é, agora e sempre, uma prestação vitalícia. As “jaulas de ouro”, às quais os usuários do serviço de transporte pertencem, são ladeadas pela linguagem, e esta, embutida em sua couraça de pergunta, rompe-as. Ante a ordem do motorista, esse chefe improvisado, “Vão para o fundo!”, o questionamento abre a porta de saída: “O fundo de quê?”. A resposta é terrível porque verdadeira. O fundo, claro está, das dez horas de trabalho e o pesar do corpo que podemos carregar, formigantes,<sup>3</sup> dia a dia. Os empregados, os ocupados, aos quais é preciso prestar a devida atenção porque derramam utilidades. E então aparecem “os pálidos do ócio”.

Algo do mito órfico assoma, circunda. Como Eurídice, esses ociosos no inferno do mutismo, olham; não estão, contudo, olhando o sol a pino

---

V

Es de tarde, la sombra se extiende:  
los altos edificios, jaulas de oro,  
se levantan al paso: el autobús  
sortea un chirrido de frenos y el obstáculo.  
Apenas veo. Vamos de pie, y cada uno a solas  
en esta multitud.  
El camionero hace malabarismos,  
cobra el pasaje, pide: ¡Pasen al fondo!  
¿Al fondo de qué?  
de sus diez horas de trabajo,  
mientras bajan y suben las hormigas.  
Allá, en las jaulas de oro, los burócratas  
del turno vespertino  
van tras el humo de sus cigarrillos  
fuera de las ventanas.  
Ha pasado la hora del café, y del último chiste  
subido de color.  
Los pálidos del ocio  
también miran  
caer la tarde, mientras todos  
nos preguntamos: ¿por qué y para qué? [N.T.]

3 *Hormigueantes*, no original em espanhol, que pode significar tanto o formigamento sentido no corpo quanto a movimentação de uma multidão de pessoas e animais. [N.T.]

e cegante do meio-dia, olham a sua queda, ante a pergunta atônita dos demais. O fragmento final desse poema tem a resposta: “Minha mão tem morte, / o pó de suas asas entre meus dedos / me lembra de que está viva”.<sup>4</sup> Ao experimentar o assombro ante o mundo e suas distintas velocidades, chega o medo de perdê-lo. Esse é o chamado da morte, e o alarme de que, sem dúvida, se está vivo.

Há muitos outros lembretes de vida. Assim como há o espanto ante a engrenagem cotidiana da ordem, há também o sonoro rugir das tripas quando temos fome. E isso nos leva ao “Diálogo entre Babioca e Rocinante”, que abre *O Quixote*:

B. Como estás, Rocinante, tão delgado?

R. Porque nunca se come, e se trabalha.

B. Mas o que é da cevada e da palha?

R. Não me deixa meu amo nem um bocado.

B. Ora, senhor, que estais muito mal-educado, pois vossa língua de asno ao amo ultraja.

R. Asno se é do berço à mortalha. Quereis ver? Olhai o apaixonado.

B. É burrice amar?

R. Cadê a prudência?

B. Metafísico estais.

R. É que não como.

B. Queixai-vos do escudeiro.

R. Não é o bastante. Como hei de me queixar de minha dolência, se amo e escudeiro ou mordomo são tão rocins como Rocinante<sup>5</sup>?

---

4 No original: “Mi mano tiene muerte,/ el polvo de sus alas entre mis dedos/ me recuerda que está viva.” [N.T.]

5 Miguel de Cervantes. *Dom Quixote de la Mancha*. Tradução e notas de Ernani Ssó. São Paulo: Penguin-Companhia, 2012.

Sancho Pança era *freelance* e o Quixote, um empreendedor, mas Rocinante não tinha um caminho a seguir. Vivia de sua força de trabalho e isso não era suficiente. Antes de se lançar a sua aventura de mil páginas que contém anedotas, histórias de fantasmas, pornô renascentista etc., não considerou levar comida porque, segundo diz, quando já se leu em romances de cavalaria que as pessoas comem para sobreviver! É a voz de Rocinante que expõe a precarização da vida com seu rival gordinho, Babieca, o cavalo do Cid Campeador, talvez tão forte quanto seu dono. E Rocinante, com uma pragmática que apenas a fome pode dar, julga seu dono um idiota arrebatado pelo amor – que o levou à ruína.

Rocinante recorre à metafísica por falta de alimento; o processo metabólico o aproxima tanto da morte que o cavalo experimenta a iluminação, e se dá conta de que seu amo o está matando de fome enquanto mata a si mesmo de amor – o que o assemelha a um asno.

Estes poemas, junto com tantos outros – *Os poemas do escritório* [*Poemas de la oficina*], de Mario Benedetti, é outro exemplo, muito estranho no registro do autor –, conformam um espaço de resistência dentro da jornada de trabalho. A poesia se erige como alteração, anomalia, diferença. Um clarão no bosque ao qual não chegaremos se não caminharmos.

## **Caderno de Leituras n.142 | 2022**

Poemas e desemprego

*Poemas y desempleo*

Xitlálitl Rodríguez

### **Edição e preparação de texto**

Maria Carolina Fenati

### **Tradução**

Gabriel Bueno da Costa

### **Revisão da tradução**

Thiago Panini

### **Revisão**

Andrea Stahel

### **Projeto gráfico**

Rita Davis

### **Coordenação da coleção**

Luísa Rabello, Maria Carolina Fenati

Composto em Georgia e Acumin Pro

ISSN 2764-3301

Edições Chão da Feira

Belo Horizonte, fevereiro de 2022

Esta e outras publicações da editora estão disponíveis em [www.chaodafeira.com](http://www.chaodafeira.com)

Este projeto foi realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte

Realização



Incentivo



CULTURA



PREFEITURA  
BELO HORIZONTE

GOVERNANDO PARA QUEM PRECISA